

NÓS E A GENTE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA VARIACIONAL

Fernanda Patrício Mariano ¹

RESUMO

A teoria sociolinguística, para a questão da mudança linguística, conforme Labov (1982) irá se fundamentar em dois princípios básicos acerca do seu objeto de estudo: o primeiro defende que a condição normal da comunidade de fala é a heterogeneidade linguística; e o segundo que define como objeto de descrição linguística a gramática da comunidade de fala. Nesse trabalho, será apresentado uma análise sobre o uso das formas nós e a gente no português brasileiro. É importante ressaltarmos que os estudos sobre as formas nós e a gente tem sido realizado em diversas comunidades do Brasil. Todos os trabalhos feitos possuem como foco principal esclarecer se esse processo se constitui como um processo de mudança linguística em progresso ou se é um processo de variação linguística estável. Com a finalidade de chegarmos ao que diz a maior parte dos trabalhos sobre esse assunto, apresentaremos o histórico que constitui a forma *a gente*, posteriormente apresentaremos o uso do *a gente* e do *nós* seguido de apresentação e análise do *corpus*.

Palavras-chave: Variacional. Uso. Linguística. Fala.

1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, a linguística consolida-se como um campo específico do conhecimento a partir dos estudos de Ferdinand Saussure, com a publicação da obra o "*Curso de Linguística Geral*", publicado em 1916, compilação póstuma dos ensinamentos do suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). A partir da publicação dessa obra, desenvolveu-se uma escola de pensamento, o chamado estruturalismo.

O conceito de língua no estruturalismo era que “[...] a língua não é um conglomerado de elementos heterogêneos; é um sistema articulado, onde tudo está ligado, onde tudo é solidário e onde cada elemento tira seu valor de sua posição estrutural...” (Saussure, citado em Leroy (1971:109). A visão estruturalista sobre a língua defendia o postulado que a língua era algo homogêneo, trazia a concepção de língua como sistema. A língua do estruturalismo era vista como um sistema e que como tal deveria ser observada por “si mesma”, sem que fossem

¹ Possui graduação da Universidade Federal da Bahia, sendo a habilitação de Letras Vernáculas com Inglês e cursando especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa na UNICESUMAR. Atualmente é professora substituta do Instituto Federal da Bahia, campus Eunápolis desde julho de 2017. Tem experiência na área de Letras. Atuando principalmente nos seguintes temas oralidade, educação inclusiva, discurso, seca, cangaço, messianismo, regionalismo e Nordeste. E-mails: f_mariano@hotmail.com e fernanda.mariano@ifba.edu.br.

considerados fatores extralinguísticos, sendo vista como simples instrumento de comunicação.

Com o surgimento da sociolinguística o conceito de língua até então defendido pelo estruturalismo é reformulado, de forma que a língua passa a ser vista como heterogênea. A partir de 1960 com os estudos de William Labov sobre mudança linguística em progresso no inglês da ilha de Martha's Vineyard (1963) e da cidade de Nova York (1966), surge os estudos sociolinguísticos. É válido ressaltar que antes dessa data já existia na linguística um preocupação com a língua do ponto de vista social, porém foi com esses trabalhos que a sociolinguística se consolida no cenário mundial. A concepção de língua, que até então era estruturalista, passa a ser abordada do ponto de vista social. A língua é observada tanto em sua estrutura quanto em seus contextos sociais de realização.

Um nome importante para o surgimento dos modelos sociolinguístico são os estudos realizados por Gauchat (1905), da comunidade francófona suíça de Charmey que é considerada o “protótipo” do modelo sociolinguístico da mudança. O trabalho citado como protótipo se destaca por ser o primeiro estudo que tomou como objeto a mudança linguística.

A teoria sociolinguística consolidou-se, efetivamente, com os resultados das pesquisas empíricas de William Labov, nos Estados Unidos (1963). No Brasil a sociolinguística começa a ter destaque na década de 70, de forma ampla e significativa, não só qualitativa, mas também quantitativamente. Porém sabe-se que a partir de 1960, começam a surgir projetos coletivos, como os de atlas linguísticos, a norma linguística culta urbana, dentre outros. Antes disso, embora existissem diversos trabalhos no Brasil, que chamassem a atenção para a diversidade sociocultural, toda a ênfase desses trabalhos era canalizada para a variação regional, dentro da tradição dialetológica. O cenário de multilíngüístico existente no Brasil, sempre despertou entre os linguistas um enorme interesse, uma vez que a questão da variação linguística sempre foi uma característica muito forte no português falado no Brasil.

A sociolinguística tem como foco central de estudo descrever e sistematizar a heterogeneidade da língua, investigando o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação linguística. Um pressuposto básico do modelo sociolinguístico é que as formas variantes devem ser alternativas de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade. Nesse processo de análise dessas variantes alguns fatores podem configurar, de certa forma, a variação linguística, seriam as variáveis internas e variáveis externas. Dessa forma temos nas variáveis internas os fatores de natureza morfológica, fonológica e sintática, os fatores semânticos e lexicais. Já nas variáveis externas a língua, teríamos os fatores inerentes ao

próprio indivíduo (como etnia e sexo), fatores sociais (classe social, profissional e escolarização) e os fatores contextuais (ex. grau de formalidade, tensão discursiva).

É o modelo sociolinguístico, a Sociolinguística Variacionista, também chamada de Teoria da Variação e da Mudança Linguística, com as pesquisas de Labov, Weinreich e Herzog, que contribuirá de maneira efetiva para os estudos sobre a questão da mudança linguística, quando tais trabalhos sinalizam que processos de variação linguística, bem difundidos, podem resultar em caso de mudança linguística.

2 O USO DE A GENTE POR NÓS

Segundo Omena (2003), o uso de *a gente* por *nós* tornou-se mais produtivo em alguns contextos e não em outros. Devido a diversos fatores, tanto os de origem interna à língua portuguesa quanto os de origem externa à língua. A partir do estudo realizado por esta autora, o uso de *a gente* por *nós* é predominante:

1. Na função de adjunto adverbial: “[...] Com *a gente* é bem mais frequente do que conosco” (OMENA, 2003, p.65)
2. Na função de sujeito como, por exemplo, na sentença: “*A gente se esquecia*” (LOPES, 1996, p. 115-123). Nesta função, por exemplo, quando os verbos após o sujeito estão conjugados no presente do indicativo ou são verbos modais haverá o uso recorrente do *a gente*. Exemplificado em: *A gente* pode mudar as coisas.

A função de sujeito tornou-se mais produtiva. Demonstrando assim a não acidentalidade no uso do *a gente* por *nós* na sentença exemplificada: “*A gente se esquecia*. Conforme Lopes (1996): “[...] as duas formas referem-se a um “eu-ampliado”, havendo certo nivelamento semântico entre elas, identifica-se ambientes linguísticos, sejam eles estruturais ou discursivos, favoráveis à presença de “a gente”, enquanto outros apresentam um acentuado condicionamento ao uso de “nós”. Assim pode ser observado que nos contextos enumerados abaixo o uso de *nós* será mais favorável em prejuízo ao uso do *a gente*.

1. Uso de *nós* quando o falante se refere a sua opinião.
2. Maior incidência de *nós* no pretérito perfeito
3. Pouca incidência na função de adj. Adnominal – *da gente*- preferência pelo nosso (as).
4. Quanto mais houver diferença entre as formas do singular e plural maior a probabilidade de ocorrer o *nós*. Por outro lado, quanto menos marcada a forma haverá um maior uso de *a gente*.

5. O falante utiliza preferencialmente o pronome "nós" para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (eu+você), ou a (eu+ele): referente [+perceptível) e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma "a gente". (LOPES, 1996, p. 115-123).

A pesquisa realizada por Omena (2003) demonstra também que a idade, escolaridade e gênero do falante influem no uso de uma variante e não de outra. Visto que se confirma uma pequena preferência de *a gente* entre as mulheres. O uso das duas variáveis na modalidade de comunicação, oral ou escrita, influirá na constituição social deste falante. Pois, o falante ao comunicar-se oralmente com o *a gente* não passará por estigmatizado pela sociedade. Em contrapartida, quando este mesmo falante preferir à forma *a gente* por nós sofrerá uma estigmatização social.

Assim, “[...] Uma conjugação de diferentes fatores, tais como tempo e aspecto verbais, gênero de discurso, oferece ambientes propiciadores e inibidores de seu uso caracterizando os sintagmas verbais aos quais se liga preferencialmente como pronome sujeito, desalojando a forma nós. (OMENA, 2003, p.65). Alguns fenômenos sintáticos desencadeiam a variação entre *nós* e *a gente*, entre eles, o mais relevante é “[...] o princípio do paralelismo, que atua fortemente na seleção das variáveis em estudo” (OMENA, 2003, p.71). O paralelismo configura-se como a tendência que o falante possui em recorrer à forma “primeira” de referir-se a dado objeto, nome, sujeito. Assim caso o falante utilize a variável *nós/a gente* no início de uma sentença tornará usá-la novamente no desenvolvimento de suas ideias. Como visto em:

Exemplo1: Mas *nós* temos o dinheiro, que *nós* trabalhamos bastante no início.

Exemplo 2: Meu marido tinha medo dela ser infeliz, tanto que, com ela com vinte quatro horas de casada, *nós* fomos lá, né?...*A gente*, dia sim, dia não, ia na casa dela...porque *a gente* que é mãe quer sempre o melhor para o filho. (OMENA, 2003, p.70)

Conforme Callou et al, a distribuição de uso de *a gente* e *nós* é mais ou menos equilibrada:56% e 44% respectivamente no Português brasileiro. Enquanto no Português de Portugal a distribuição é bastante diferenciada: 16% de *a gente* e 84% de *nós*. Demonstrando assim que “[...] a substituição de nós por a gente encontra-se realmente em um estágio mais acelerado no português brasileiro, se comparado ao português de Portugal.” (CALLOU et al, p.281). Estes dados sinalizam que os falantes do português no Brasil recorrem ao uso das

variantes de acordo com os contextos em que são expressos. De certa forma, quanto mais inibidor o contexto se apresentar ele descartará uma forma e procurará fazer uso da outra.

Embora no momento atual existam muitos estudos que se referem aos usos de *nós/ a gente* no Brasil. Poucas mudanças ocorreram no espaço da educação formal. Ou seja, poucos são as interferências destes estudos na realidade do estudante brasileiro. Pois, “[...] Com relação à forma ‘*a gente*’, as gramáticas não apresentam uma posição coerente e única. A classificação é, em geral, controversa, pois ora consideram “a gente” como pronome pessoal¹, ora como forma de tratamento, ou ainda como pronome indefinido, comentando-a apenas em notas ou observações de rodapé”. (LOPES, 1996, p. 115-123).

3 DESCRIÇÃO DO CORPUS

Para a análise dos usos de *nós e a gente* fizemos uma coleta do corpus Projeto NURC/Salvador durante (1974 a 1976) e da Web no site do Yahoo Respostas Brasil (2008 a 2010). Observamos 12 informantes, sendo 6 mulheres e 6 homens. Os informantes possuem idade entre (40 a 47 / 13 a 20) anos. A distribuição foi realizada por sexo e faixa etária.

Projeto NURC/Salvador - homens e mulheres de 40 a 47 anos

1. Informante: homem de 47 anos – advogado.

“É. *Nós temos*. Aqui se vê realmente uma constelação”

2. Informante: homem de 45 anos – farmacêutico e professor universitário.

“*nós con... contamos* mais ou menos umas doze nuan... nuances de azul.”

3. Informante: mulher de 44 anos – dentista

“Hoje, *nós temos* as mais variadas batidas”

4. Informante: mulher de 40 anos – médica

“Então, *nós tínhamos* muito mais dificuldade”

Yahoo Respostas Brasil - homens e mulheres de 13 a 20 anos

Mulheres

1. Quando *agente baixa* um programa para que eles pedem o número do celular?

2. O homens, o que vcs fazem *com a gente*?

3. Quando *a gente ama* muito alguém, mas não consegue confiar, é porque não é amor de verdade?

4. E verdade quando *a gente estamos* perto de menstruar pela primeira vez, fica sendo um liquido amarelo?

Homens

1. Porque quando *a gente ama* uma pessoa *nois nao consegue* imaginar nossa vida sem ela?
2. Quando *nois vai* pegar a corda branca na capoeira quais golpes eles pede para faser?
3. Se depois que *a gente toma* banho *estamos limpos*, porque lavamos a toalha?
4. *Nós estamos* no centro da Via Láctea ou não?

Com base em alguns fatores, que segundo Omena (2003), oferecem ambientes propiciadores e inibidores do uso das variantes, destacamos nesta análise os fatores natureza morfológica, sintática, discursiva e a variável social.

- **Fatores de natureza morfológicos**

Diferentes realizações na concordância verbal referente aos pronomes nós e a gente (5 nós + -mos, 1 nós + \emptyset , 4 a gente + \emptyset , 1 a gente + -mos).

- **Fatores de natureza sintática**

Predomina o uso de a gente na função de sujeito. 1 ocorrência de a gente na função de adj. Adverbial (M2).

- **Fatores de natureza discursiva**

Paralelismo (H1): mudança de referência influenciando na mudança da forma subsequente (a gente... nós + \emptyset).

- **Variável social**

Preferência do uso do a gente entre as mulheres (13 a 20 anos).

A leitura dos resultados nos permite inferir que o uso do pronome *a gente*, em geral, não apresenta muito estigma e está correlacionado a variáveis extralinguísticas, por exemplo, sexo e idade dos falantes. Concluimos que de modo geral há um equilíbrio na distribuição do uso na forma a gente e nós, observamos que 6 informantes utilizaram *a gente* e 6 informantes utilizaram *nós*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado por Omena (2003) aponta algumas conclusões acerca do uso de a gente/ nós. Algumas das conclusões foram confirmadas em nossa pesquisa. Como por exemplo, o uso predominante de nós pelo extrato social mais escolarizado e o equilíbrio na utilização das duas variantes: nós e a gente.

Segundo Lopes (1996) o processo de mudança entre as duas variantes entre os “cultos” não “cultos” ocorre de forma diferenciada, sendo que os primeiros fazem uso de *nós* em maior escala enquanto os segundos fazem uso de *a gente*. Assim:

[...] O processamento da mudança linguística nos dois grupos, (os falantes com pouca escolaridade e os de formação universitária completa), entretanto, está ocorrendo de forma diferenciada. Nos falantes com pouca escolaridade (Omena, 1986) a substituição de "nós" por "a gente" encontra-se em um estágio mais avançado do que entre os falantes cultos. (LOPES, 1996, p. 115-123)

Como pode ser observado o *corpus* deste estudo confirma esta tendência. Apesar disto, podemos levantar alguns questionamentos a cerca do uso destas variantes pela população brasileira. Em primeira instância o tempo que um sujeito permanece na escola não lhe garante uma formação de leitor. Esta formação é uma das mais relevantes no processo de ampliação de léxico e na adequação de estrutura sintática a conteúdo. Assim, o sujeito com maior repertório tenderá a fazer uso de *nós*, forma mais conservada. Por outro lado, este mesmo sujeito somente fará uso desta variante, se o contexto social ao qual ele faz parte lhe permite fazer este emprego. Um advogado, por exemplo, no seu ambiente de trabalho utilizará o *nós* devido à própria formalidade que a língua portuguesa adquiriu junto a esta profissão e o uso o levará frequentemente a fazê-lo em outros contextos também.

Em segunda instância, os estudos sobre a sociolinguística no Brasil comprovam a distância de uso e normalização das variantes em estudo. Visto que, é fato o uso equilibrado entre o *nós* e *a gente* no Brasil, embora essa tendência ainda não seja visível nas gramáticas, ou nos estudos de língua portuguesa fora da universidade. De acordo com LOPES (1996) “[...] O ensino de língua [...] não corresponde à realidade falada pelos seus usuários”. (LOPES, 1996, p. 115-123).

O estudo da língua portuguesa baseia-se em dois parâmetros: certo ou errado. De certa forma, a escola em si, trabalha em cima desta dicotomia que reprime as possibilidades. É claro, que o estudante possui o direito de saber as formas consideradas mais “utilizáveis” em contextos de uso. Pois, todos os processos avaliativos que um aluno venha a passar ao longo de sua vida irão se relacionar a forma que ele se exprime em sua língua materna.

Omena (2003) aponta que os falantes não são estigmatizados no uso oral da variante *a gente*, embora nos casos avaliativos citados acima, aquele que se afasta abruptamente do português formal, conseqüentemente, é rechaçado e descartado de uma entrevista de emprego. É preciso que o falante de língua portuguesa adquira com o ensino formal o conhecimento de que uma língua é heterogênea. Ela é composta por milhares de fatores que a tornam não

apenas um instrumento de comunicação, mas também um fator cultural e de identificação. A escola ao esquecer isto ou fingir a não existência destes fatores comete as práticas colonialistas e pós-colonialistas.

Acreditamos em uma variação entre as forma nós/a gente, já que quanto maior o número de palavras que um sujeito manipular para se comunicar melhor será o seu desempenho. Por outro lado, o uso massivo de uma variante por outra poderá em um longo prazo ocasionar em uma mudança lingüística na estrutura pronominal da língua portuguesa (no Brasil). Por enquanto é coerente afirmar que as variantes *nós* e *a gente* convivem no espaço lingüístico brasileiro. E que este uso depende mais dos falantes do que dos manuais de estudo do português, sendo assim, sujeitos diferentes fazem uso deferentes da sua língua comum.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **Nosso da gente e de nós:** Um estudo sociolinguístico da expressão de posse no português rural afro-brasileiro. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=23. Acesso em: out. 2018.

CALLOU, Dinah. A propósito da mudança. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs). **Ensino de Gramática:** descrição e uso. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

LOPES, Celia Regina dos Santos. Nós por a gente: uma contribuição da pesquisa sociolinguística ao ensino. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.) **Diversidade Linguística e Ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996. P. 115-123. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~pead/tema14/ponto25.html>. Acesso em: out. 2018.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOTA, JACYRA; ROLLEMBERG, VERA. (Orgs.). **A Linguagem Falada Culta na Cidade Salvador**. Materiais para seu estudo. Salvador: UFBA (Projeto NURC), 1994, vol. 1, Diálogo entre informante e documentador.

OMENA, Nelize Pires de. A referência a primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da conceição; DUARTE, Maria Eugenia Lamglia (Orgs.). **Mudança Linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

Yahoo Respostas – Brasil. Disponível em: http://br.answers.yahoo.com/;_ylt=Aj1u4xvR9J4CC1LBe4i8x1sW7Qt.;_ylv=3. Acesso em: 14 jun. 2018.